



UMA EXPERIÊNCIA NO TRABALHO COM RÓTULOS DE PRODUTOS NUMA SALA DE AULA DA EJA

Tatiana de Oliveira Santana¹; **Elison Antonio Paim**²
Josiane Beloni de Paula³; **Patrícia Magalhães Pinheiro**⁴

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha Sociologia e História da Educação- UFSC, participa dos grupos de pesquisa: Rastros: História, Memória e Educação, da Universidade São Francisco - SP e Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC) da UFSC. Orientanda do Prof. Dr. Elison Antonio Paim.

E-mail: tati_ubuntu@hotmail.com

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória/UFSC) e de Estágio Supervisionado em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: elison0406@gmail.com

³ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação, na linha Sociologia e História da Educação - UFSC, participa dos grupos de pesquisa: Rastros: História, Memória e Educação, da Universidade São Francisco - SP e Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC) da UFSC. Orientanda do Prof. Dr. Elison Antonio Paim.

E-mail: belonijbc@hotmail.com

⁴ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação, na linha Sociologia e História da Educação - UFSC, participa dos grupos de pesquisa: Rastros: História, Memória e Educação, da Universidade São Francisco - SP e Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC) da UFSC. Orientanda do Prof. Dr. Elison Antonio Paim.

E-mail: patti_magalhaes@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E DIVERSIDADES

RESUMO

O presente texto é a rememoração dos resultados de uma experiência vivida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rufina do Nascimento, no Município de Marabá-PA, com uma turma de EJA, durante a construção das aulas da disciplina de Geografia. Por conseguinte, foram organizadas atividades a partir dos produtos consumidos cotidianamente pelos educandos, em que foi trabalhado com os rótulos de diferentes produtos, partindo desses fomos aprofundando temas ao longo de semestre relacionado à localização espacial e territorial, valores, matéria prima de cada produto entre outros temas abordados ao qual atividade e interesse dos educandos permitiam. Objetivando analisar o modo como a construção de uma atividade pode e deve ser integradora e ligada às experiências tanto dos educandos quanto da educadora. Salientamos que este texto dialoga com alguns pensamentos de autores como: Walter Benjamin, Paulo Freire e Boaventura Santos. Os textos de Benjamin (2012), como “Experiência e pobreza” e “O Narrador”, trazem no bojo das suas discussões que as relações sociais têm sido



esvaziadas e a humanidade perdeu a capacidade de trocar experiências, ou seja, o homem está mais pobre de “experiências comunicáveis” (BENJAMIN, 2012, p. 115).

Palavras chaves: EJA, experiência, rótulos de produtos.

“Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água
que corre entre pedras - liberdade caça jeito”.

Manoel de Barros

Os textos do filósofo alemão Walter Benjamin “Experiência e pobreza” e “O Narrador”, trazem no bojo das suas discussões que as relações sociais têm sido esvaziadas e a humanidade perdeu a capacidade de trocar experiências, ou seja, o homem está mais pobre de experiências comunicáveis (BENJAMIN, 2012). Dessa forma, entendemos por experiência uma ação refletida, que te atravessa, te toca, rememorada, compartilhada, perdurando e mantendo-se com a característica de ser atemporal, trazemos como rememoração essa experiência de sala de aula.

Com a finalidade de rememoração, o presente texto a experiência de um trabalho desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rufina do Nascimento, com uma turma de EJA, segundo segmento do Ensino Fundamental, vinculado à Secretaria de Educação Municipal de Marabá-PA, durante o ano letivo de 2001. O objetivo foi analisar o modo como a construção de uma atividade pode e deve ser integradora e ligada às experiências tanto dos educandos quanto da educadora.

Compreendemos como rememoração, falar do passado no presente, agindo no presente em diálogo com o passado, logo rememoração como um ato político. Paim (2005), afirma “que na rememoração reconstruímos o passado vivido, a partir de nossos referenciais do presente” (p.30). E no diálogo estreito com Jeane Gagnebin, concorda que lembrar é mais que lembrar, pois, ao invés de repetir o que se lembra:

Abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalado, para dizer com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas resurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2001, p. 91 *apud* PAIM, 2005, p. 42).



Logo, ao ato de lembrar, nos reconstruímos, falamos sobre algo que “aciona nossas impressões mais remotas sobre o vivido por nós ou por aqueles que nos antecederam. Este processo é sempre acionado por dimensões conscientes e inconscientes despertadas no presente de quem lembra” (PAIM, 2005. p. 53).

Essa experiência, remetida pela educadora Tatiana de Oliveira Santana, na época, recém-graduada ministrando as disciplinas de Geografia e Estudos Amazônicos, observava numa turma de 25 integrantes o desânimo e cansaço apresentados em sala de aula. A mesma, influenciada pelas leituras freirianas, idealizava a educação como um porvir, uma profissão em que não somos professores e sim que nos constituímos continuamente, ou seja, conforme Paim (2005) há um fazer-se professor a partir da experiência com o outro. Ou ainda, “ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 2000, p.58).

Por conseguinte, foram organizadas atividades a partir dos produtos consumidos cotidianamente pelos discentes, em que foi trabalhado com os rótulos de diferentes produtos, partindo desses, fomos aprofundando temas ao longo do semestre relacionado à localização espacial e territorial, valores, matéria prima de cada produto entre outros temas abordados ao qual atividade e interesse dos alunos permitiam.

Concordamos com Freire (1997), que “o ensinar não é transferir conhecimento, mas possibilitar sua produção ou construção”. Dessa forma, salientamos a importância de aulas dialógicas, envolvendo os educandos e educandas na construção de conhecimento, estando o educador atento as suas necessidades, interesses e desafios.

Importante ressaltar que essa prática pedagógica não surgiu ao acaso, e sim após o desânimo da turma e da educadora que em nada conseguia chamar atenção aos estudantes que copiavam a matéria do quadro em seus cadernos ao seu tempo, sempre diziam que estavam cansados querendo terminar a aula mais cedo. Outro ponto a ser ressaltado também era a liberdade de ministrar aulas à noite. Visto que, não tínhamos a presença de demais profissionais que formavam o apoio pedagógico da escola nos outros períodos, ficando geralmente na escola a educadora, os discentes, uma merendeira, uma secretária na secretaria da escola e o vigia.

A turma se constituía de forma mista, na qual tanto tinha estudantes com idade de 18 anos como com idade de 50 anos. Assim apresentavam uma grande discrepância



de experiências e histórias de vida, mas estando a maioria em busca de melhor escolarização para, em tese, entrarem mais qualificados no mercado formal de trabalho. Visto que, a maioria tinham trabalhos informais como pedreiros, ajudante de lanchonete, empregadas domésticas, faxineiras, garçons e boa parte sem carteira assinada.

A escola localiza-se em um dos mais antigos bairros periféricos da cidade, denominado Santa Rosa, ao qual todos os anos é marcado com um fenômeno natural que causa conseqüências sociais e econômicas à comunidade. Como a maioria das ruas do bairro localizam-se em áreas de alargamento do rio Tocantins, sofrem com o fenômeno das enchentes, na chegada do inverno com o aumento do nível da água do rio. Sendo que, a maioria da população é obrigada a sair das suas casas e ficar em abrigos construídos pela prefeitura e ou em casa de parentes até o rio “baixar” e poder voltar para suas casas. Isso ocorre todos os anos no bairro.

Também conhecido como um bairro violento, após as 22 horas, ao sair da escola, corria-se perigo de ser assaltada passar na rua da antiga feirinha. A feirinha era o local em que ocorria uma feira numa praça no início do bairro, que foi desativada, mas porem, continuava sendo um ponto de referência no bairro. Geralmente, se indicava a localização de uma casa sendo antes ou depois da feirinha, esse espaço também era utilizado as noites como um dos espaços de referencia de reunião da juventude do bairro.

Após a aula, alguns estudantes, que moravam pelo caminho da pracinha, levavam a professora até à feirinha, dizendo que andando com eles estava protegida, momentos ao qual íamos conversando e sabendo de notícias da comunidade.

Desse modo, esta comunicação, resulta dessa experiência e está dividida em três partes. Na primeira, relatamos uma experiência de aprendizagem, apresentando a metodologia utilizada com alguns rótulos de produtos consumidos no cotidiano dos educandos/as, englobando práticas de leitura e, principalmente, de escrita. Na segunda parte, como resultado dessa experiência realizamos algumas reflexões sobre o trabalho com projetos. Finalmente, na terceira parte, tecemos algumas considerações sobre a experiência vivida.

Segundo as orientações dos Parâmetro Curricular Nacional (PCN)¹, a geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades



humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionaisⁱⁱ destinadas a Educação de Jovens e Adultos, apresentam propostas que subsidiem o processo educativo na perspectiva de atender as especificidades dessa modalidade de ensino. Dessa forma, faz-se necessário a valorização dos conhecimentos de cada educando, trabalhando com recortes de suas realidades, numa busca por um diálogo entre o currículo proposto da escola e essas experiências de vida trazidas, pois de acordo com Freire (1996), faz-se necessário:

(...) coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (1996, p.16).

Dessa forma, iniciávamos as aulas de Geografia com a localização espacial dos educandos/as, partindo do seu bairro, dos seus lugares de experiências, fazendo a relação entre o local e o global, partindo da pessoa, nome da cada um, rua que morava, bairro, cidade, rios da cidade, estado, país e continente e questionamentos sobre as diferenças culturais, raciais e econômicas.

Portanto, partindo do local que morávamos fazíamos pontes reflexivas com outros estados e países a partir de diferentes culturas, ao qual, mesmo sem saber,desenvolvia-se aulas aproximando – se de um pensamento decolonial. Este pensamento epistêmico pauta-se em ações e formas de pensar que valorizam a alteridade, a diferença e a descolonização do corpo e da mente em contraponto a um saber hierarquizado, europeu, excludente e vertical. (SANTOS, 2010).

Desse modo, íamos além dos livros didáticos, sem seguir linearmente o livro didático adotado pela escola, sem, no entanto, deixar de fazer a relação com os conteúdos previstos no currículo da escola.

Após a atividade de localização espacial dos educandos, solicitávamos a cada um que escrevesse em forma de listas, visto que a maioria tinha dificuldade em elaboração de textos, os produtos que consumiam do horário do seu acordar até a hora de dormir, durante uma semana.

Dessa lista retirávamos os produtos mais utilizados por cada um, que no início da atividade diziam que não consumiam quase nada por serem pobres e não terem



dinheiro. Após as conversas necessárias para se perceberem como consumidores, íamos recebendo os produtos industrializados que consumiam diariamente e deles desenvolvendo as atividades.

O Quadro 1, (rótulos dos produtos), abaixo, é ilustrativo de como cada estudante confeccionava seu grande painel, que chegou a ser apresentado na Feira de Ciências do Município, o qual causou grande orgulho aos estudantes desse público que geralmente não tem uma participação expressiva nas atividades das comunidades escolares, além da sala de aula. Nesse quadro, apontamos alguns elementos extraídos das informações contidas em cada rótulo dos produtos, como nome, composição, cidade que foi produzido, estado, região e país. Elementos que nos davam noção de localização espacial, média de preço dos produtos e matéria prima de cada produto.

Para a confecção do mural individual com rótulo dos produtos consumidos diariamente, trabalhamos com algumas atividades que antecederam a confecções dos painéis individuais. Entre essas atividades destacamos listas de produtos, leitura e recortes de rótulos. Localização espacial a partir de mapas das cidades e estados, consultas em dicionários de língua portuguesa, relação de média de preço, profissões, matérias primas.

QUADRO 1: RÓTULOS DOS PRODUTOS

ROTÚLOS	PRODUTO	COMPOSIÇÃO	CIDADE	ESTADO	REGIÃO	PAÍS
	Leite	Carboidratos Proteínas Gorduras Sódio Cálcio	Arroio do Meio	RS	Sul	Brasil
	Macarrão instantâneo	Trigo, gorduras, carbonato de potássio, de sódio, corantes e conservantes.	Ibiúna	SP	Sudeste	Brasil
			Glória do Goitá	PE	Nordeste	
	Margarina	Óleos vegetais, estabilizantes, conservantes	Paranaguá	PR	Sul	Brasil
	Óleo de soja	Óleo de soja geneticamente modificados e antioxidantes	Luziânia	GO	Centro oeste	Brasil

Fonte: Pesquisadores/2016.



Em conclusão, educadora, educandos e educandas, descobrimos que estamos sempre consumindo algum produto, que esse produto tem origem, que foi fabricado em determinado local, em determinado estado e cidade, que tem composições que não sabemos, na maioria das vezes, a que nos serve, que tem um preço geralmente aproximado, marcas diferenciadas e trazem a marca do capital, como as relações de trabalho, profissões e mercado.

A Geografia na Educação de Jovens e Adultos, é importante que o aluno observe, interprete e compreenda as transformações sócio espaciais ocorridas em diferentes lugares e épocas e estabeleça comparações entre semelhanças e diferenças relativas às transformações sócio espaciais do município, do estado e do país onde mora. (PIRES, 2001).

Desse modo, trabalhávamos conceitos de localização espacial, territorial, consumo, blocos econômicos, elementos que tornavam as aulas de Geografia mais instigantes e movimentadas.

Ações diversificadas, conscientes, planejadas e políticas devem fazer parte das salas de aula de EJA, em respeito a esse público que de certa forma já foi “expulso” por inúmeras razões da escola em diferentes tempos e situações.

Logo, as aulas de geografia a partir dessa experiência apontavam uma melhor compreensão dos conceitos trabalhados em sala, experienciados a partir dos conhecimentos dos educandos, de ações que valorizavam suas formas de viver, trazendo para sala de aula e resignificando essas experiências.

Pires (2001), acrescenta que o educando, deve participar ativamente do procedimento metodológico da construção de conhecimentos geográficos, valendo-se da cartografia como forma de representação e expressão dos fenômenos sócio espaciais; da construção, leitura e interpretação de gráficos e tabelas; da produção de textos e da utilização de outros recursos que possibilitem registrar seu pensamento e seus conhecimentos geográficos.

Freire (2005), anuncia que ensinar exige rigorosidade metódica, que o educador tem que reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, trabalhar com os educando. A rigorosidade metódica com que devem se aproximar do conhecimento que no processo de aprendizagens os mesmos, vão se transformando em reais sujeitos da



reconstrução de saber ensinado. Não se trata apenas de transmitir o conteúdo, mas fazê-lo de forma crítica. Exige que os educadores sejam criadores, instigadores, inquietos, humildes e persistentes.

Paim (2005), propõe pensarmos o ato educacional como um campo de possibilidades, como uma história que está aberta, por se fazer, e não como algo pronto, fechado determinado onde o professor fala, expõe e os alunos ouvem e repetem. Compreende o ato educacional como diálogos entre diferentes saberes, com as realidades e especificidades locais, sendo os educadores e educandos sujeitos/as do processo, pelas suas memórias e experiências vividas.

Portanto, acreditando que ninguém nasce educador, que nossas práticas devem ser permeadas de experiências, saberes, fazeres, sensibilidades e diálogos, que trazemos essa experiência em EJA de trabalhar com rótulos dos produtos utilizados no cotidiano dos docentes como uma atividade marcante, proporcionando a educadora e aos educandos o prazer do desafio.

Como disse o poeta mineiro Manoel de Barros (2001), “liberdade caça jeito” e desenvolver as aulas de forma diferente do modelo mecânico e tradicional, ainda presente nas escolas, como copiar no quadro, copiar no caderno, fazer questionários sobre a copia realizada, aplicar uma avaliação e ir pra casa, se faz necessário construir coletivamente outras possibilidades de aprendizagens mais significantes a esse diverso e instigante público que compõem as salas de EJA, tendo o professor de Geografia ou de qualquer outra disciplina escolar, clareza sobre como e para que ensinar Geografia ou outro conteúdo qualquer.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Matéria de poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura 8ª Edição. São Paulo. Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v.1).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução/Secretaria de Educação Fundamental, 2002.v. 1.



FREIRE P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção leitura. 2005.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.2005.

PIRES, C. M. C. et al. **Por uma proposta curricular para o 2º segmento na EJA**. In: Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores. Brasília.2001.

SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez. 2010.

ⁱ De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das [matrizes de referência](#). Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender.

ⁱⁱ As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Elas são discutidas, concebidas e fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).